

A NAÇÃO EM TEMPOS DE DECEPÇÕES E DESILUSÕES

THE NATION IN TIMES OF DISAPPOINTMENT AND DELUSIONS

Guilherme Carvalho¹

RESUMO

Esta resenha traz uma análise da construção de nação a partir da leitura do filme “Terra estrangeira” dos diretores brasileiros Walter Salles e Daniela Thomas. Verifica-se uma relação entre uma conjuntura político-econômica entre o filme e a realidade português e brasileira, a qual também aponta questões históricas que contribuem para a construção de um autorretrato extremamente crítico e pessimista a partir da trajetória das personagens.

Palavras chave: Cinema brasileiro. Nação. Cultura.

ABSTRACT

This review brings a nation's building analysis about "Foreign Land" the Brazilian movie from Walter Salles and Daniela Thomas. It is a relationship between a political and economic condition between the movie and the Portuguese and Brazilian reality considering also the historical issues contributing to building a highly critical and pessimistic self-portrait from the characters trajectory.

Key words: Brazilian Cinema. Nation. Culture.

“Terra Estrangeira” foi rodado em 1995 e premiado como melhor filme do ano no Brasil e selecionado para mais de 40 festivais no mundo todo. É considerado pela crítica o primeiro filme relevante na carreira dos diretores brasileiros Walter Salles e Daniela Thomas.

Salles vem de uma família tradicional do Rio de Janeiro. É parente dos donos do Unibanco, formado em economia pela PUC Rio e em comunicação audiovisual pela Universidade do Sul da Califórnia. Seu primeiro filme é de 1986: “Japão, uma Viagem no Tempo: Kurosawa, Pintor de Imagens”, um curta metragem já feito em parceria com Daniela Thomas.

Thomas é uma parceira constante de Walter Salles. Filha do cartunista Ziraldo, começou no teatro, morou em Nova York. Além do “Terra Estrangeira”, onde atuou também como roteirista, juntamente com Marcos Bernstein, Millor Fernandes e o próprio

¹ Doutor pela Unesp e mestre em Sociologia pela Universidade Federal do Paraná. Possui graduação em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (2001). Tem experiência na área de Comunicação, com ênfase em Jornalismo Sindical e na área de Assessoria de Imprensa. Atualmente é professor de jornalismo do Centro Universitário Uninter.

Salles, dividiu a direção com este último em “*Paris je t’aime*” (2006) e “*Linha de passe*” (2008).

“*Terra Estrangeira*” foi produzido em um momento crítico para a sociedade brasileira e para o próprio cinema nacional. A Embrafilme, o Concine, a Fundação do Cinema Brasileiro, o Ministério da Cultura, as leis de incentivo à produção, a regulamentação do mercado e até mesmo os órgãos encarregados de produzir estatísticas sobre o cinema no Brasil foram extintos². Em 1992, último ano do governo Fernando Collor, um único filme brasileiro chegou às telas. Trata-se de “*A Grande Arte*”, de Walter Salles, falado em inglês e com pouca repercussão nacional. A crise no cinema brasileiro, sem recursos públicos que pudessem financiar as obras, só seria superada a partir de 1995, com a chamada “*retomada do cinema brasileiro*” (BORGES, 2007).

“*Terra Estrangeira*” é o retrato de um momento peculiar da história do Brasil. No que diz respeito à conjuntura política-econômica do país, o que se via era um sentimento de desolação. O governo Collor havia confiscado as poupanças dos brasileiros, provocando um congelamento da economia do país. Com a renúncia de Collor, em 1992, sob acusações de corrupção, os brasileiros, que haviam votado pela primeira vez para presidente desde a reabertura política do país e depois de 20 anos de ditadura militar, sofreram uma profunda frustração ao acreditar que o regime democrático restaurado seria capaz de superar o trauma dos anos de autoritarismo.

O filme de Salles traz essa aura negativa do início dos anos 1990. A sensação de uma fuga constante, na qual não se chega ao objetivo, o sentimento de desesperança que tomou conta dos brasileiros e não importa para onde se vá, não há o que possa ser feito, o sentimento de incertezas continuará.

A busca pelo pertencimento a uma nação marca a relação das personagens que transitam entre Brasil e Portugal. Ao longo da história fica nítida a ausência deste sentimento. Isso tudo reforçado pela melancolia das músicas que são montadas em harmonias dissonantes e em tons menores com ritmos lentos que caminham para um movimento minimalista. A ideia de “*nação*” é negada desde o princípio do filme, apontando que o Brasil não é país acolhedor e sim um país à deriva, que não proporciona esperança de um futuro melhor.

² Entre 15 de março de 1990 e 29 de setembro de 1992, o Brasil viveu um dos períodos mais conturbados da história de sua cultura. Ao assumir, o presidente Fernando Collor de Melo editou um pacote com uma série de medidas provisórias que, entre outras coisas, extinguíram leis de incentivos culturais e órgãos culturais da União. A Medida Provisória nº151 ocupava-se da extinção e dissolução de entidades da administração pública federal (autarquias, fundações e empresas públicas). (GATTI, 2008, p.66)

Nesse sentido, “Terra estrangeira” é um autorretrato crítico da realidade da própria cultura brasileira a qual desenvolveu seu conceito de “nação” a partir dos conteúdos produzidos pelos meios de comunicação de massa em meados dos anos 1960, quando se constitui uma indústria cultural significativa no país, conforme Ortiz (1994). A construção, no entanto, se dá sob as bases do financiamento público, favorecendo a iniciativa privada, com conteúdos de baixa qualidade e que procuravam aliar os interesses comerciais aos interesses políticos do governo militar. O cinema brasileiro, submetida aos interesses políticos e com vistas ao consumo de produtos culturais de um público exposto a produções internacionais, foi marcado pela baixa credibilidade de modo que se conformou uma rejeição histórica às produções nacionais.

Carregado pelo sentimento de desesperança, “Terra estrangeira” é um filme que não traz “final feliz”. Depois da morte de sua mãe, Paco, já sofrido pela decepção com seu sonho profissional de ser ator de teatro (mais uma vez o retrato de uma cultura brasileira excludente e decepcionante), se vê obrigado a fugir e morre ao final. É a falência de uma nação sem perspectivas, e, juntamente a esse contexto histórico, às artes e os artistas representam uma falência intelectual uma vez que, as personagens, no decorrer da história, realizam outras atividades, destacando o fato de terem sido levados a ingressarem em uma realidade de contrabando internacional, sem possibilidades de realização de seus sonhos.

A construção das imagens de nação brasileira e nação portuguesa considera as relações históricas entre os países antes colônia e império, respectivamente, mas também como nações do futuro. Portugal já foi o país mais promissor da Europa, quando se lançou ao mar para colonizar o Brasil e outras terras, de onde extraiu suas riquezas naturais. Já sobre o Brasil construiu-se a imagem do país do futuro, do “gigante adormecido” prestes a acordar.

Estas representações são extintas em “Terra Estrangeira”. O sentimento periférico dos brasileiros, que percebem a Europa como referência de sociedade, reproduzindo a lógica colonialista, é rompida pela percepção da realidade em uma Portugal excludente, parada no tempo, de construções antigas e contrastante com as imagens da metrópole paulista. Revela-se uma triste realidade para os personagens Paco e Alex. Quem está no Brasil quer ir para Portugal e quem está em Portugal quer voltar ao Brasil. Não há lugar para se acomodar.

Um ponto muito expressivo e que reflete a sensação de neutralidade são as cores que o filme trabalha: o preto e o branco (cores que não se firmam muito por si só) reforçando subjetivamente a neutralidade de uma Nação que não acolhe e nem abriga seu próprio povo. O incômodo transforma-se em angústia, frustrada por uma realidade melancólica.

A morte da mãe de Paco, surpreendida com a notícia de que suas economias haviam sido confiscadas e que não poderia mais viajar para sua terra natal, é significativa. Segundo Jorge (2012), a cena representa a “morte da nação, início da derrota, tanto como país quanto a Arte produzida nele”. A mãe nutria as esperanças de um dia voltar a San Sebastian, na região Basca, um lugar entre Portugal e Espanha. Mas é trazida à realidade pelo próprio filho que anunciava as dificuldades financeiras de uma viagem como aquela. Naquele período a relação entre o cruzado novo e o dólar, que era referência para a cotação internacional da moeda brasileira, era muito desigual. Viajar para a Europa era muito difícil porque os custos eram absurdamente maiores para os brasileiros do que para os europeus. Vivia-se também o momento da abertura econômica do país ao mercado internacional. Iniciava-se uma inundação de produtos estrangeiros no Brasil. Portanto, o Brasil era receptivo aos estrangeiros, como sugere a personagem estrangeira Igor, um traficante de joias bem adaptado ao Brasil.

Desespero, desolação, melancolia, são algumas das sensações que podem ser associadas ao filme. Em Portugal, a personagem Alex também era levada aos extremos. Sua decepção com o namorado que roubou o dinheiro que seria utilizado para que ela pudesse voltar ao Brasil, para comprar drogas, a deixa sem alternativas. Decepcionada e incomodada com um país no qual ela não suporta nem mesmo ouvir o sotaque português, passa a agir como se nada mais pudesse ser feito. É o fim das esperanças e a presença da solidão, sugerindo o paralelismo com a história de Paco.

Após o enterro da mãe, Paco parece perder sua identidade. No banho, declama trecho de peça de teatro. O som sem corte sugere que se trata de tempo real. Á água do chuveiro inunda o apartamento, levando fotos de San Sebastian e de seus parentes que estavam no chão, o que sugere que não passou muito tempo desde o enterro. Sonhos são abandonados com as fotos sendo levadas pela água.

O som contínuo do violino atravessa as cenas, confundindo o espectador. Da inundação do apartamento, há um corte para um violino, que executa a música que compõe a trilha, transformando-se em som ambiente. É uma transição suave entre as duas sequências, como se deixasse claro o paralelismo temporal entre Paco e Alex que viviam simultaneamente o mesmo sentimento de desolação. É como se as duas vidas vivessem momentos extremos. Ao mesmo tempo, o homem ao violino será o pivô da relação entre Paco e Alex.

É perceptível também a relação de “Terra Estrangeira” com o Cinema Novo, marcado pela produção de filmes nacionais que buscam a construção da identidade brasileira. “Terra Estrangeira” apresenta questões estéticas e políticas que coincidem com a ideia de reinventar a nação, com o trajeto histórico dos países e dos personagens

no subdesenvolvimento, com a representação da nação em decadência e sua colonização, reforçando os aspectos do realismo e da reflexividade; uma visão brasileira sobre os brasileiros em terras estrangeiras. Esta busca de identidade passa pela revelação de um Brasil que não se conhece. Salles e Thomas apontam uma dura e triste realidade para jovens que acreditam que viver na Europa é uma possibilidade de mudar de vida, ganhar dinheiro, adquirir cultura, evoluir como ser humano e retornar ao Brasil como uma nova pessoa, transformada, civilizada pela tradição europeia.

Trata-se da reafirmação de uma identidade brasileira marcada pela colonização e pela necessidade de se encontrá-la em sua própria essência, porque ela não será encontrada em terras estrangeiras. Este desafio começa pela demonstração de uma realidade cruel no exterior. O brasileiro no estrangeiro não é bem-vindo. Não há mística, alegria, samba, festa, carnaval. O lugar reservado aos brasileiros é o do subemprego, do negócio ilícito, da fuga e da vontade constante de retornar ao país. No exterior, como diz o dono da loja de artigos musicais Pedro, não há encontros. “Não é o lugar para se encontrar alguém. É o lugar para se perder alguém”.

Fronteiras como essas podem estar sendo derrubadas nos últimos anos, com um processo de globalização, se pudermos compreender este conceito não como um processo de igualdade de oportunidades no capitalismo, mas a partir de aspectos das relações sociais compartilhadas decorrentes da difusão de produtos culturais que são difundidos em escala global por meio de tecnologias da comunicação (BAUMAN, 1999). Nesse sentido, a noção dos indivíduos sobre novas realidades, outras sociedades e diferentes países permite que possam definir suas escolhas com um pouco mais de sobriedade, bem como se pode mapear melhor as características de diferentes regiões do planeta, seja em aspectos sociológicos, históricos, climáticos, antropológicos, entre outros.

Assim, uma escolha como de Paco, possivelmente seria mais bem planejada de modo que lhe permitisse conhecer mais sobre o local para onde pretendia “fugir”. Em tempos de internet, suas buscas poderiam ser ancoradas por alguma exploração prévia. Em uma situação como essa, no entanto, perder-se-ia a riqueza da aventura e da exploração de um lugar totalmente desconhecido para ele e de um passado que ele jamais vivera, mas que estava presente em toda sua vida de alguma maneira.

Nesse sentido, o conceito de nação parece agora menos endógeno do que retratou “Terra estrangeira”. É possível compreender melhor sobre o que é o Brasil a partir do que se diz sobre o Brasil em outras culturas. Estas são possibilidades que se abrem com acesso a outras percepções sobre a realidade em que os indivíduos têm condições de se comunicar com outros indivíduos em qualquer hora ou local do planeta e

com extrema facilidade, de modo que se pode reconectar a um novo sentimento de pertencimento.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: as conseqüências humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

BORGES, Danielle. **A retomada do cinema brasileiro: uma análise da indústria cinematográfica nacional (de 1995 a 2005)**. Dissertação, 2007. (Doutorado em Ciências da Comunicação da Universidade Autônoma de Barcelona)

GATTI, André Piero. **Embrafilme e o cinema brasileiro** [recurso eletrônico]. São Paulo: Centro Cultural São Paulo, 2007.

JORGE, Marina Soler. **A imagem da nação em Terra Estrangeira**. Disponível em: <http://www3.usp.br/rumores/artigos.asp?cod_atual=79>. Acesso em: 12 out. 2012.

ORTIZ, Renato. **A moderna tradição brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

TERRA Estrangeira. Direção: Walter Salles e Daniela Thomas, Produção: Flávio R. Tambellini e António da Cunha Telles. São Paulo/Lisboa: Videofilmes e Animatografo, 1995, 1 DVD.